

O ÓCIO CRIATIVO E A EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI

Adilson Cristiano Habowski
adilsonhabowski@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2627205889047749>

Elaine Conte
elaine.conte@unilasalle.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/8885390885955168>

RESUMO

O presente ensaio, de alicerces hermenêuticos, tem por base potencializar interlocuções com Domenico de Masi (2010; 2017) sobre o ócio criativo, para pensarmos a educação nesse século. Debateremos sobre a importância de desenvolvermos o ócio criativo no período de isolamento em que estamos vivendo, levando em consideração três desdobramentos que fazem surgir novas potencialidades e que trazem implicações para os processos de educar, a saber: trabalhar com o intuito de produzir riquezas e de aprender, estudar para criar novos conhecimentos e divertir-se, brincar para criar o bem-estar. É nesse sentido que o ócio criativo surge com uma potência produtora de novos sentidos e significados para agenciar rupturas educativas e construir agregações (inter)subjetivas. Concluímos que o ócio criativo é assinalado com potencial para inúmeros aprimoramentos humanos à ação, visto que estamos num mundo marcado por constantes transformações tecnológicas e por imprecisões do futuro, que é multifacetado de problemáticas e desafios, necessitando de mobilizações e disposições criativas e críticas na educação, tendo em voga os diversos cenários patológicos, desagregadores e de exclusão social.

Palavras-chave: Ócio criativo; Educação; Criatividade; Contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na contemporaneidade, a criatividade é uma das expressões que recebe grande destaque nos âmbitos sociais e educacionais, talvez pela dimensão motivadora e inspiradora para novos (re)conhecimentos e diferenciações das questões existentes no mundo. Dado os desafios da educação no atual cenário tecnológico das máquinas técnicas, teóricas, sociais e estéticas, que funcionam por agenciamento e provocam desorientação global, alguns pensadores abordam os desafios da educação para o século XXI e apontam que “os educadores devem oportunizar aos alunos momentos onde eles possam desenvolver a criatividade, interpretar e aprender o sentido e o prazer associado à compreensão clara do conteúdo ensinado” (MEL et al., 2015, p. 131). A propósito do ócio

criativo, ele engendra potencialidades expressivas, criativas e de inovação pedagógica, pois agencia rupturas e constrói novas subjetividades na interdependência do obrar criativo nas formas de ensino, da fantasia, do lazer, da pluralidade de ideias, como implicação curiosa, metafórica, aprendente e ousada, para questionar e reestruturar saberes e experiências (DE MASI, 2000).

Diante das perplexidades e polêmicas da passagem do século XX para o XXI, a análise aqui oferecida estimula modos inéditos de ser e de estar no mundo por meio de instigantes elementos abordados por Domenico de Masi nas obras *O Ócio Criativo* e *Alfabeto da Sociedade Desorientada*. Trata-se, afinal, de repensar o desenvolvimento da criatividade na educação, para estimular o interesse e evidenciar a sustentabilidade de inovações, sem dispersões, nas aprendizagens diante dos desafios contemporâneos. Esse debate é parte de uma sintomática social que gira em torno da forma como o conhecimento é (re)produzido na cultura digital, sendo acessado de variados artefatos tecnológicos e fenômenos multifacetados, causando déficits de atenção pelo excesso de informações, a instrumentalização da própria linguagem e uma desorientação geral.

Sob a perspectiva hermenêutica, interpretamos as sedutoras potencialidades da criatividade humana para ensinar e aprender, a fim de constatar as metamorfoses, os contextos e as realidades do tempo presente, analisando a criatividade como um dos aspectos indispensáveis ao processo científico e formativo, pois estimula o enfrentamento das obviedades e traz a novidade, em termos de disposição crítica para o diálogo com as diferenças, as identidades sociais e as compreensões de mundo. Por isso, destacamos o pensador De Masi como um grande potencial para a promoção da criatividade nas relações educativas, uma vez que desafia os modelos formalizados e isolados, levando à ressignificação da sociedade tecnologizada e utilizando os impactos sociais que os novos comportamentos geram e demandam à práxis pedagógica.

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E NOVAS POSTURAS EDUCACIONAIS

O que está ocorrendo, segundo De Masi (2000), na transição da sociedade industrial para a pós-industrial, é uma concentração de trabalhadores assalariados ativos nas fábricas

e um acréscimo da produção de massa e do consumo, bem como uma divisão e fragmentação da temporalidade humana por meio de setores do trabalho. Por isso, houve um aumento de racionalidade e aplicabilidade das ciências nas organizações do trabalho e um rompimento radical entre o espaço sensível que se vive e o lugar de trabalho, além da degradação ambiental com o aumento da urbanização. Na sociedade pós-industrial, os resultados do trabalho são oriundos das tecnologias, das artes e das ciências, apresentando características de mais rentabilidade que engloba o trabalho, estudo e lazer, de um modo inteligente e construtivo para aproveitar o tempo. Em vez de colocar o foco nos aparelhos que dão vazão ao mundo do trabalho, a ideia do autor é atribuir às máquinas mais trabalho e aos sujeitos mais tempo para interagir, criar e refletir.

A fim de constatar essa mudança da sociedade industrial para as inovações do pós-industrial, De Masi indica que acontecem turbulências, pois ambas passam a conviver juntas nessa transição que vai além de uma simples transferência, mas envolve o império de uma em detrimento da outra. Silva (2012, p. 12) afirma que “uma análise mais aguçada acerca das primeiras décadas do século XXI revelou uma crise no ser humano, visto que ele necessitou de renunciar aos antigos modos de subsistência, habilidades, expectativas profissionais, projetos familiares, valores e instituições tradicionais”. Por isso, temos presenciado diversas complexidades e aporias que inundam a vida inteconectada da contemporaneidade, assim como aconteceu na passagem da sociedade rural-braçal (pré-industrial) para a industrial, nos novos modos de produção no mundo do trabalho, agora caracterizado pela redução da carga horária presencial em função de um trabalho de baixo custo e *on-line*.

De Masi demonstra uma nova proposta para as empresas pós-industriais, que, diante dos regulamentos que dominam as produções intelectuais, necessitam da criatividade para continuar no mercado, pois “hoje precisamos de muita criatividade para satisfazer as infinitas necessidades sofisticadas do mercado, não podemos mais contar só com os raros e únicos gênios. Devemos dar vida a inúmeros grupos criativos”. (DE MASI, 2000, p.188). Essa criatividade “está muito mais ligada à capacidade de acolher e de elaborar estímulos do que aos recursos disponíveis, ou mesmo à ressonância que o encontro de duas ou três pessoas criativas pode produzir, quando se estimulam intelectual

e reciprocamente com suas ideias”. (DE MASI, 2000, p.143). A fim de darmos conta das perspectivas da era pós-industrial, cabe uma (re)transformação pessoal e conjunta, já que no século XXI terá mais poder as nações que souberem administrar o tempo livre para a expressão da criatividade, fazendo-se necessário analisar e melhorar os sistemas educacionais, assim como os investimentos públicos em pesquisas.

Frente a isso, De Masi manifesta grande descontentamento com o modelo de sociedade criada pelo ocidente, visto que está voltado para a idolatria e competitividade no trabalho, fazendo com que a criatividade seja ofuscada por padrões que encerram algo desumano. Nessa perspectiva, Conte (2012, p. 94-95) destaca que:

Os processos recentes que envolvem inovações técnico-organizacionais, apesar de todas as falácias, só em poucas situações ampliam a liberdade e tornam o trabalho mais autônomo e criativo [e que] geralmente, tendem a diminuí-los em razão da existência de esquemas de controle de tempo e de métodos muito mais rígidos, introduzidos mediante procedimentos informatizados, em substituição aos velhos esquemas de supervisão burláveis.

A fim de constatar a notória mutação no mundo do trabalho, especialmente no veloz distanciamento que se tem produzido entre os sujeitos nos relacionamentos (inter) subjetivos e com o mundo, segue apontando:

Nessa linha de argumentação, as relações entre educação e trabalho ocorrem por meio de movimentos contraditórios, pois, ao mesmo tempo em que convivemos com grandes transformações no campo da tecnologia, da ciência e das formas de comunicação, convivemos também com o aumento do desemprego, da diversificação das especializações, com a redução das oportunidades de trabalho estável, com o aumento do emprego por conta própria e temporário. O resultado disso tem apontado para uma realidade histórica em que a subjetividade se vê negada pelas próprias forças objetivas de interesses corporativistas. Ao reduzir a performance à adequação entre meios e fins, reduziu-se também o sentido da reflexão pedagógica, levando à objetificação do conceito e à perda da sua mediação dialética com a própria constituição subjetiva da realidade, com o prazer, a realização humana (felicidade) e com o discernimento formativo. (CONTE, 2012, p. 94-95).

Mas acontece que o contexto contemporâneo é marcado pela utilização massiva das tecnologias em múltiplas instâncias sociais, o que vem causando nas esferas formativas o produtivismo, a burocratização e a formalização das ações pedagógicas, que aderem a pressões para a eficácia (medicamentação das crianças para manter o controle de turmas enormes), assim como a burocratização das tarefas que provoca sobrecarga de trabalho, a insegurança nas relações de trabalho, que gera danos emocionais e conformismos incompatíveis com a arte de educar e (re)criar. As instituições de ensino, nesse cenário tecnológico, continuam a reproduzir os métodos tradicionais de educação dos séculos XIX e XX, em que professores e estudantes ficam confinados, apassivados e limitados em espaços rígidos de reprodução dos conhecimentos.

A educação nesse século precisa encontrar a harmonia entre preparar os estudantes para um mundo complexo, competitivo, cheio de reviravoltas e globalizado, e atribuir sentidos e significados para agenciar rupturas educativas e construir agregações (inter)subjetivas, humanistas e ecológicas, necessárias as inter-relações sociais. Sob essa perspectiva, o movimento de ensinar, notadamente de expressão artística e recentemente midiática, é um fenômeno performático e marcado por incertezas. Tal manifestação da cultura contemporânea “exige curiosidade, esforço ativo e criticidade para que possamos (re)construir os conhecimentos de acordo com as necessidades sentidas e reanimar as ações que conduzam a uma sociedade mais justa, criativa e humanizada em meio aos avanços e retrocessos” (AZAMBUJA; CONTE; HABOWSKI, 2017, p. 174-175).

Em contrapartida, ao longo da história humana, a criatividade tem sido subestimada e desconsiderada pela educação que valoriza a reprodução e a produtividade de ensinamentos. Na falta de criatividade geram-se indiferenças, intolerâncias, homogeneizações, desrespeito, insensibilidade e aniquilamento do outro, por diversas formas de violência e segregação social. Trata-se de um paradoxo, pois a economia e os mercados exigem que os indivíduos sejam mais criativos para intensificar a competitividade no mundo do trabalho.

Com a mudança dos valores, devem mudar também os métodos pedagógicos adequados à sua transmissão. Se para educar um jovem a lutar por dinheiro e poder adotava-se uma pedagogia que premiava o egoísmo, a hierarquia e a agressividade, para educar os jovens para os

valores emergentes, os métodos a serem usados deverão valorizar mais o diálogo, a estudo, a solidariedade e a criatividade. (DE MASI, 2000, p. 178 -179).

Quanto mais a educação é revigorada pela criatividade menos técnica, alienada, coercitiva e passiva ela se torna, pois a sensibilidade artística e a emotividade tornam a formação cultural libertária, poética e aberta à manifestação do ato criativo marcado pela interdependência humana. As interpretações generalizantes, superficiais e fragmentadas de provas, por exemplo, forçam uma educação domesticadora e empobrecida dos processos educativos, pois a descrição de respostas prontas inviabiliza os processos de historicidade e interdependência, do que depende a ação criativa. Tudo indica que a educação criativa estaria voltada para o (re)aprender constante por ações cooperativas de estudo e aprofundamento acerca dos potenciais e metodologias com as tecnologias educacionais, para resolver os questionamentos existentes na própria realidade.

ÓCIO CRIATIVO VERSUS EDUCAÇÃO

A fim de compreender esse fenômeno da contemporaneidade, de agregar ao trabalho tradicional realizado por obrigação, o que apraz aos sentidos ou a capacidade criativa e libertadora, é algo que interessa e pressupõe a educação. Daí a necessidade de mudança, “da atividade física para a intelectual, da atividade intelectual de tipo repetitivo à atividade intelectual criativa, do trabalho-labuta nitidamente separado do tempo livre e do estudo ao ‘ócio criativo’, no qual estudo, trabalho e jogo acabam coincidindo cada vez mais” (DE MASI, 2000, p. 10). O filósofo preocupado com as dimensões epistemológicas sobre a criatividade, insere o seguinte questionamento: *o que é a criatividade? Em que consiste?* Em suas palavras, a síntese epistemológica entre a fantasia e a concretude “consiste em um processo mental e prático, ainda bastante misterioso, graças ao qual uma só pessoa ou um grupo, depois de ter pensado algumas ideias novas e fantasiosas, consegue também realizá-las concretamente” (DE MASI, 2000, p. 188).

Na obra *O Ócio Criativo*, elabora a noção de criatividade orientada para uma sociedade pós-industrial, do trabalho humano e do tempo livre para a expressão da criatividade, além de questões como o declínio de ideologias tradicionais. Dessa forma, em

toda atividade acontece a criatividade que confere fluidez a nossa coexistência e a experiência cotidiana, seja numa fala, num projeto, numa obra, num jantar, num jogo coletivo, sempre existindo uma disposição, uma utopia e um entretenimento. No entanto, nos processos educativos o estímulo para a dimensão criativa tem sido substituído pela ingênua reprodução para a produtividade, com pouco destaque para manter viva a curiosidade e a incorporação da pluralidade de linguagens. Evidencia-se a padronização de conteúdos, a instrumentalidade radical, simplificação e sujeição dos estudantes a relações previsíveis e de excesso de coisas, de informações, de pressa, ao invés de dar condições de possibilidade no tempo para criar, resolver problemas e reconstruir a própria criatividade no projetar-se de si mesmo com o outro. Na perspectiva de De Masi (2000, p.170), “o trabalho também deve ser, obviamente, ensinado não mais como uma obrigação opressora, mas sobretudo como um prazer criativo estimulante”, pois inclui também o não-trabalho que consiste em ensinar atitudes, valores e emoções ligadas ao tempo livre, aos cuidados e às prioridades vitais.

O ócio criativo traz a dimensão da arte, da criação, da liberdade, da emoção e da fantasia, possuindo em sua gênese uma potencialidade libertadora das amarras do próprio pensamento, uma metáfora forte, propiciando a ascensão da capacidade criativa e metamorfoseante de ver e de aprender o mundo. Na perspectiva da ociosidade (distinto do ócio), o sujeito não possui a capacidade de organização para trabalhar com as dimensões da vida em seu projetar-se, sentindo-se aborrecido por não saber agir conforme os propósitos que o tempo demanda. Já o ócio possui conotações no sentido de (re)criar e produzir as coisas da vida. Por meio do trabalho, os sujeitos planejam uma nova criação e qualificação através das experiências, pois sem a presença do ócio não há possibilidade para arquitetar soluções frente aos desafios do mundo. O ócio também requer saber dar uma pausa na arte da peregrinação cotidiana, a fim de refletir sobre ela com o intuito de (re)organizar mentalmente as ideias, os objetivos, os acontecimentos cotidianos, já que “a experiência de mudança estimula por sua vez a criatividade” (DE MASI, 2000, p. 104).

Na verdade, criar um momento pedagógico à (re)organização dos conhecimentos, valendo-se deles para a constituições de novos projetos de vida, faz com que o ambiente escolar se torne propício à criatividade. De acordo com Freire (2005, p. 72), “na criatividade

se estimula a reflexão e a ação verdadeira dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora”. Há quem prognostique, inclusive, que os professores são agentes de mudança nos processos de ensino criativos, no sentido de que desenvolvem práticas mais próximas da realidade concreta e da promoção de uma reconstrução crítico-reflexiva dos problemas socioeducativos.

Tudo leva a crer que “estamos habituados a desempenhar funções repetitivas como se fôssemos máquinas e é necessário um grande esforço para aprender uma atividade criativa, digna de um ser humano” (DE MASI, 2000, p. 21). Evidentemente que a categoria ócio carrega uma significância pejorativa, pois o sujeito que pratica o ócio é representado como irresponsável e negligente ao que a indústria privilegia, ou seja, do trabalhador braçal sem tempo para pensar, descansar, refletir e recriar. Dessa forma, explica De Masi (2000, p.11) que,

Em síntese, o ócio pode ser muito bom, mas somente se nos colocamos de acordo com o sentido da palavra. Para os gregos, por exemplo, tinha uma conotação estritamente física: ‘trabalho’ era tudo aquilo que fazia suar, com exceção do esporte. Quem trabalhava, isto é, suava, ou era escravo ou era um cidadão de segunda classe. As atividades não físicas (a política, o estudo, a poesia, a filosofia) eram ‘ociosas’, ou seja, expressões mentais, dignas somente dos cidadãos de primeira classe.

Quando se trabalha por meio de um tempo livre, as pessoas realizam menos atividades braçais e trabalham mais com o cérebro (autêntico), pois está associado às potencialidades criativas e estéticas¹ intrínsecas aos sujeitos. Há novos entendimentos sobre o trabalho na sociedade tecnológica, que precisam ser redefinidos nas organizações para que os trabalhadores tenham mais tempo livre e possibilidades para as (re)criações em meio a tecnicidade. O ócio criativo trata sobre a capacidade do ser humano de se

¹ Conte (2012, p. 107) analisa a dimensão estética em De Masi e afirma que “dentre todas as formas de expressão humana, a estética é aquela que é responsável pela nossa felicidade, pois é um componente mágico de nossa existência cujo valor (trabalho) não melhora a eficiência, porém, a embeleza. Ainda hoje delegamos uma grande parte da nossa felicidade à arte (quando desejamos nos divertir, vamos ao cinema, ao teatro, ao museu, ou admiramos uma bela paisagem). Tudo indica que foi a sociedade industrial que isolou o belo, expulsando-o do mundo do trabalho executivo e tornando eficiente”.

congregar com as atividades expressivas, em trabalhos de lazer e aprendizado, associando divertimento às ações realizadas e à capacidade criativa. É no divertimento e no bom-humor que se manifesta uma educação interativa e criativa da humanidade, integrando assim, “a principal característica da atividade criativa é que ela praticamente não se distingue do jogo e do aprendizado” (DE MASI, 2000, p. 10). Todavia, na sociedade apresentada como industrial, estamos habituados a exercer funções mecânicas, multitarefa entediante, impensadas e repetitivas. Devido a todos esses fatores, Conte (2012, p. 94) diz:

A educação se rendeu às possibilidades e às forças de produção da sociedade industrial, passando a praticamente ser confundida com a objetividade e homogeneização do conhecimento via instrumentalização (empilhando sentidos pelo uso de diferentes suportes tecnológicos), não sendo capaz de dar conta da pluralidade das formas de vida (dimensão artística). As práticas pedagógicas continuam a ser excessivamente impessoais, uniformes, num movimento de verticalidade, pois desconsideram a capacidade de diferenciação pedagógica (as sutilezas do aprender agindo).

No entanto, “o objetivo [da educação] da vida não é o domínio sobre os outros, mas a felicidade de viver. (...) Assim como a atividade requer coragem e força, o ócio requer amor pelo conhecimento, e ambos exigem temperança e justiça”. (DE MASI, 2017, p. 493). Após tecer essa comparação com as peculiaridades da educação, De Masi (2017, p. 496) reforça que “a escola prepara para a vida no sentido de que o estresse laboral dos adultos é antecipado pelo estresse educacional dos jovens, numa contínua competição feita de notas, créditos, recompensas, provas e exames”. Trata-se de uma reapropriação do valor da criatividade à vida social, onde os processos sensíveis reencontram a sua interdependência epistemológica, seu horizonte aberto e seu lugar no espaço público.

Para Torre (2009, p. 68), “as Escolas Criativas são aquelas que vão adiante do lugar de que partem, oferecem mais do que têm e ultrapassam o que delas se espera, reconhecem o melhor de cada um e crescem por dentro e por fora, buscando o bem-estar individual, social e planetário”. Isso é possível a partir do momento em que se integram novas formas de sensibilidade, por meio de uma educação problematizadora e (auto)crítica, para o pensar diverso, gerando uma reinvenção e reconstrução constante de saberes, num esforço de retroalimentação e experimentação coletiva. Tudo leva a crer que o sistema

educacional continua a negligenciar as potencialidades criativas dos estudantes, disseminando um conhecimento acabado, excessivo e técnico, restringindo o ócio criativo, as capacidades lúdicas, imaginativas, desinteressadas e livres, impondo um modelo cultural e intelectual com pouca oportunidade para a expressão. Por sua vez,

Educar um jovem ou um executivo para a criatividade hoje significa ajudá-lo a identificar sua vocação autêntica, ensiná-lo a escolher os parceiros adequados, a encontrar ou criar um contexto mais propício à criatividade, a descobrir formas de explorar os vários aspectos do problema que o preocupa, de fazer com que sua mente fique relaxada e de como estimulá-la até que ela dê à luz uma ideia justa. Sobretudo significa educá-lo para não temer o fluir incessante das inovações (DE MASI, 2000, p.190).

Os exemplos de como articular as tecnologias nesse cenário criativo são inúmeras. Martínez (2007, p. 54) afirma que devido à “complexidade do cenário mundial, os problemas socioeconômicos a serem resolvidos, o impressionante desenvolvimento da tecnologia e as incertezas do futuro são alguns dos fatores que justificam a valorização da criatividade e da inovação no momento atual”. Nesse sentido, as instituições precisam reconsiderar suas metas e práticas educacionais, de modo a atender as demandas sociais e motivar o desenvolvimento da criatividade em meio à ambiguidade cultural, visto que, humanos não são máquinas e para aguçar a criatividade “precisa de vínculos, de desafios, não de barreiras burocráticas” (DE MASI, p.144). Afinal de contas, como trabalhar e divertir-se em um mundo que parece não ter mais tempo para aprender com os erros e para viver?

REFLEXÕES FINAIS

Diante desse mundo marcado por incertezas, prognosticamos que é possível superar uma educação técnico-operacional, desde que sejamos capazes de pensarmos uma educação voltada para o ócio criativo. De Masi destaca que o futuro pertence às pessoas que souberem se libertar da ideia de trabalho como algo penoso, uma obrigação e forem capazes de libertarem-se criativamente, articulando o trabalho com o tempo livre, o estudo e o jogo. Pesquisas recentes mostram que quando estamos descansados e de bom humor, ficamos mais criativos e produtivos, mas na prática cotidiana trabalhamos sem

relaxar. Como a sociedade seria se as pessoas estivessem preocupadas em dedicar-se ao trabalho com o mesmo prazer, empenho e concentração com que o fazem as crianças em suas brincadeiras?

A educação que não dá espaço ao ensinar e aprender criativo, à abertura para o inesperado do obrar humano e à multiplicidade de sentidos está condenada ao fracasso. A educação precisa promover a experiência do ócio criativo nas práticas com os estudantes, no sentido de provocar o questionável, as obviedades e as insensibilidades do tempo livre. Se uma forma de buscar uma educação de qualidade é através da criatividade, então, como promovê-la nos espaços educativos e despertá-la nos estudantes? O ócio criativo enquanto tempo livre para a manifestação da criatividade humana fortalece a comunicação interativa e interdependente com o outro, atribuindo iniciativas aos próprios estudantes, ampliando a capacidade de (re)reconstruir conhecimentos estético-expressivos e solidários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZAMBUJA, Paula Lima; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. O planejamento docente na educação infantil: metamorfoses e sentidos ao aprender. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 22, n. 2, Jul./Dez. 2017.

CONTE, Elaine. **Aporias da performance na educação**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. Entrevista a Maria Serena Palieri. 3. ed. Trad. Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sexante, 2000.

DE MASI, Domenico. **Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo**. 1. ed. Trad. Silvana Cobucci, Federico Carroti. São Paulo: Objetiva, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MARTÍNEZ, Albertina. Criatividade e saúde nos indivíduos e nas organizações. In: VIRGOLIM, A. R. (org.). **Talento criativo**. Expressão em múltiplos contextos. Brasília: Ed. UnB, pp. 53-64, 2007.

MEL, Lucimeire Vieira Rigonato da Silva et al. Os Desafios dos Educadores do Século XXI: Ensinar Com Alegria e Criatividade. **Rev. Saberes**, Rolim de Moura, vol. 3, n. 2, jul./dez., p. 126-137, 2015.

TORRE, Saturnino de La. Escolas criativas: escolas que aprendem, criam e inovam. In: ZWIEREWICZ, M.; TORRE, Saturnino de La. (Coord.). **Uma escola para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação**. Florianópolis: Insular, 2009. p. 55-69.

SILVA, Susi Alves Silva. **Quatro pilares da educação para o século XXI: análise de sua aplicação em uma escola de Aracaju**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012.

SOBRE O AUTOR:

Mestrando em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS, na linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Possui o curso de Magistério (2014) e Graduação em Teologia pela Universidade La Salle - Canoas/RS (2017). E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

SOBRE A AUTORA:

Graduada em Pedagogia com habilitação em Séries Iniciais e Matérias Pedagógicas pela Universidade Federal de Santa Maria (2003), mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2005) e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Atualmente é professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, Canoas/RS. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br